

5 de Dezembro

Director.—Guilherme B. Leite de Faria

QUINZENARIO

Composição e impressão

Editor.—M. Mendes Fernandes

Defensor da Causa Sidonista

Tip. Minerva Vimaranesse

Red. e administr.—Casa da Burnaria

68, R. de Paio Galvão, 72—GUIMARÃES

Falando claro

Está quasi a fazer um ano que o país, personificado no movimento revolucionario de 5 de dezembro, arrancou do seu pedestal de ignomínias e infamias, a seita mais pre-versa que jamais houve em Portugal!

Abafava-se ao peso d'uma intolerancia e d'um despotismo draconiano.

Os presos politicos eram esbofeteados e cuspidos; officiaes do exercito como o tenente Soares, eram mortos á luz do dia, ou desfeiteados, como o general Jaime de Castro, em plena praça publica; por toda a parte o terror, o sanguinarismo e a vindicta exerciam os seus misteres criminosos.

Caminhava-se para o abismo, para a morte cobarde, sem honra e sem gloria, para o aniquilamento infamante, que é o peor de todos os aniquilamentos.

Portugal debatia-se n'uma crise intensissima, assoberbado por difficuldades sem conta, por obstaculos sem numero, n'uma marcha accelerada para a ruina e para o descredito.

Afonso Costa, o cinico, dava o braço a Bernardino, o ridiculo, o palhaço ignominioso que fez a vergonha da Patria perante a Europa e que ascendeu á chefia da Nação portugueza, por um escárnio, por uma affronta ao patriotismo de todos os homens de bem.

Chegára a demagogia á ultima, á infinita abjecção: collocar um estrangeiro hippocrita, um manequim grotesco e imbecil á frente dos destinos d'uma terra querida, que foi e é o nosso berço patrio.

Assim se estava na altura em que Sidonio Paes, com um punhado de bravos, appoiado fortemente pelo exercito e pelo povo, derruiu a quadrilha famosa que tripudiára sete annos sobre tudo e sobre todos, e enxovalhára crenças, costumes, justiça, direito, liberdade, n'uma inconsciencia de loucos ou de dementados.

O 5 de dezembro não derruiu um partido politico: abismou n'um atoleiro de lama e de opprobrio, os canibaes selvagens d'uma seita perigosa para a segurança e para a vida do Estado.

Não eram politicos: eram barbaros. Não mereciam ser tratados como homens: mereciam ser tratados como loucos n'um manicomio, ou como facinoras de instinctos ferinos para quem as galés, o desterro eterno, seriam penas minimas.

No entanto, a nossa situação que ainda alvorecia, longe de espalhar odios e praticar vinganças, attendendo logicamente á sua conservação e estabilidade apenas. não os tratou como seria justo.

Elles, porem, é que não agradeceram, não tiveram na devida consideração tal gesto de concordia: embrenharam-se logo nos conubios secretos, nas tramas revolucionarias, na lucta rastejante de cobar-

des, que apenas espreitam o ensejo de cahirem sobre o adversario.

E assim temos vivido, ou antes assim temos caminhado para a decadencia, para o sobresalto contínuo, para esta desordem que parece querer não ter fim.

Culpa de quem? Dos governos simplesmente.

Fazemos esta declaração categorica, lealmente, francamente, sem mascara, sem reticencias, sem sofismas: a culpa d'esta desordem em que, ha quasi um anno temos vivido, pertence aos homens que até hoje tem personificado o 5 de dezembro.

Porquê? Porque, attendendo mais a uma ficticia pacificação da familia republicana, a uma approximação descabida e ultrajante, do que ao interesse, á honra nacional, tem vivido a soltar e a prender, a encarcerar e a libertar, com gestos de generosidade á mistura, que seriam accetaveis se se tratasse de crimes politicos, mas que são aviltantes tratando-se de criminosos communs, que apenas aspiram a trazer a vida nacional n'uma permanente desordem.

Se entendem que com approximações salvam o Paiz e restabelecem a ordem, enganam-se: no dia em que os demagogos subissem outra vez ao poder embora acompanhados dos republicanos approximistas, a actual situação tinha abdicado e perdido a nacionalidade.

Republicanos que se dizem conservadores e que applaudem conluios com as esquerdas, não são conservadores, são simplesmente tresloucados, talvez traidores que querem submergir a obra do 5 de dezembro, por meio d'uma capitulação indigna, ignobil, vergonhosa!

N'esse dia podiam preparar as cabeças garrotadas pelos proprios a quem tinham ajudado a subir.

Não tenham duvidas sobre isso!

Ego.

Solemnia Verba!

O «Jornal de Noticias» tem em Lisboa um brillantissimo cronista-que é o famôso revisteiro e superior dramaturgo Ex.^{mo} Senhor Eduardo Schwalbach.

Já este nome basta para que os nossos leitores nos agradeçam a transcrição que vamos fazer dum trecho duma dessas notáveis crônicas, onde o autor rende num gesto suprêmo de justiça as suas homenagens aos superiores predados que distinguem a nobre figura de Sua Ex.^a o Senhor Presidente da Republica.

Organizam-se comissões, criam-se receitas de grandes e peque nós haveres rasgos de generosidade comovem e enternecem, correm de mão em mão subscrições, que tornam cada vez maior vulto, manifestam-se elevados espiritos, chovem alvitres, todos pensam em acudir a quem sofre e em minorar as desgraçadas que ficam, mas entre todas essas almas boas, que se desdobram, em zelos e cuidados, em presteza e perseverança, uma se impõe superiormente ao nosso respeito, á nossa afeição, ao nosso mais entranhado bem-querer: a do sr. dr. Sidonio Pais, Coração de bom português, pelo carinho e pela bondade, pela fortaleza e pela decisão, a tudo procura acudir, velando pelos que agonizam, pensando nos que ficam, chamando a si quanto e mais ainda do que as suas forças comportam, multiplicando-se, dando o mais eficaz exemplo de dedicação e do exercicio do seu alto cargo. Rei, seria um D. Pedro V, presidente da Republica é o que é, que mais não pode ser. Não broteja no meu espirito a lisonja, que é vil, mas impera a justiça, que é nobre, e seria faltar aos seus ditames guardar estas palavras, que a mi-

nha razão e a minha alma me apontam como exatas e fiéis.

O seu desprendimento pela vida, jogando-a em todos os lumes precisos, já o tinha imposto á grande maioria dos portugueses—que todos eles sempre amaram quem se expõe e afronta o perigo—; pela sua honradez já conquistara o respeito da gente honrada; pelos seus gestos belos já penetrara nos corações magnanimos; e agora pela sua constante acção altruista, pelo seu incansavel esforço em acudir aos males que nos atingem, socorrendo enfermos, amparando crianças, iluminando a desgraça e a dor com uns raios do sol, chegou até aos miseraveis e fez-se amar por eles, — a maior gloria e a maior ambição duma alma grande e justa.

Que Deus o abençoe! — frase vulgar, mas outra mais sentida por mim e mais expressiva do meu desejo não a encontro.

A LÁPIS...

Já lá vão alguns dias, e parece que ainda ontem baixou ao tumulo o corpo do saudoso e distinto professor d'este liceu, sr. dr. cónego Júlio de Miranda... E' que nós, conhecendo de perto o seu excellente carácter e bondosíssimo coração, já mais involver poderemos a sua memória na treva do esquecimento.

Professor competentíssimo realçando entre os mais doutos, sabia captar a simpatia dos colegas e alumnos pelo seu porte e rectíssimo proceder.

A sua formosa e grande alma nunca soube o que era a vingança, arma de que só os pigmeus de espirito lançam mão.

A aureolar-lhe a intelligência fulgentíssima tinha uma fé viva, que se orgulhava de possuir. Na História, em que era profundo, e na Geografia, em que era um mestre, ensejo buscava sempre para aos seus alumnos, que como a filhos prezava, apontar o farol que tudo ilu-

mina e desvenda—Deus. Era um crente.

E já que o meu coração alanceado mais alto me não permite a sua memória erguer, leitores, aos Céus comigo dirigi uma prece pela sua bela e grande alma.

A epidemia

Ao terminar uma guerra absurda, bárbara e feroz que tanta miséria e luto tem produzido no Mundo, outro flagelo, não menos violento e cruel, vitima milhares de entes na quasi totalidade apresentando robustez fisica e prometendo vida longa—a terrível bronco-pneumónica...

Quantas familias inteiras desaparecidas, quantas sem o braço forte dum homem e quantas reduzidas á orfandade!

Creemos, porém, que, graças ás medidas adoptadas, em todo o país, pelas autoridades e especializando ao desvelo e dedicação verdadeiramente admiraveis de sua Ex.^a o sr. Presidente da Republica, que pessoalmente de mistura com a esmola da caridade leva aos epidemiados nos hospitais, por elle criados, palavras de conforto e alívio, esta fatal doença vai menos vidas ceifando, parecendo até que breve, por Deus, nos veremos livres de tam lutuosa epidemia.

Deus ouça as súplicas de tantos órfãos e viúvas, afugentando de sobre o nosso povo este flagelo cruel!

Oxalá com a aurora da paz universal surja no nosso país a felicidade e alegria, por que todos os corações portugueses anseiam! E a Providência derrame as suas bençãos sobre todos os que com tam admirável dedicação e zêlo cristão contribuíram para a sua debelação completa...

O ECO

Tribuno popular, dos mais distintos,
Nêle encarnava, há muito, a ideia nova,
E se falava, era contar com sova
Em reis no trono, ou já por terra, extintos.

«Foram padres, dizia, êsses famintos
Quem inventou que a vida se renova:
Que estúpida mentira! Além da cova
Nada há: morte o corpo e os seus instintos.»

No seu discurso d'ontem, memorável,
Sem que se ouvisse o mínimo sussurro,
Penetrou, com pé firme, no Insondável,

E dando um berro, e na tribuna um murro,
«Morra Deus!» vozeou inexorável,
E o eco, ao longe, repetiu: «que burro!»

João Penha.

Jesualdo Vieira d'Andrade

Faleceu no dia 26 do mês findo
em Negrélos o nosso presadissimo
amigo sr. Jesualdo Vieira de An-
drade vitima da terrível epidemia,
que tanto luto tem espalhado nesta
infeliz Pátria.

Era um novo cheio de esperan-
ças, albergando no seu generoso
coração, qualidades que o tornaram
querido por quantos com êle tra-
taram. Empregado superior da Fá-
brica de Negrélos, impunha-se a
todos, inferiôres, iguais e directo-
res pela sua intelligência e pelo seu
porte verdadeiramente fidalgo.

Sua morte foi aqui muito senti-
da, pois que o nosso inditoso ami-
go contava nesta cidade inúmeras
simpatias.

E' o primeiro dos filhos do sau-
doso e distinto advogado desta ci-
dade sr. dr. Antonio Vieira de An-
drade, que já baixou ao túmulo.

Deus cubra a sua alma de Infini-
ta misericórdia.

A todos o seus a expressão do
seu mais profundo pesar.

NOTAS ELEGANTES

Manuel de Freitas

Tem estado levemente encomodado o
nosso querido amigo e distinto professor
Ex.^{mo} Senhor Manuel de Freitas.

Fazemos sinceros votos pelo seu com-
pleto restabelecimento.

Regressou de Vila do Conde acompa-
nhado de sua veneranda esposa o nosso
ilustre e querido amigo Ex.^{mo} Senhor
Doutor Henrique Macêdo Martins de
Menezes (Margaride).

Tem estado enfermos os nossos queri-
dos amigos Ex.^{mas} e Rev.^{mas} Senhores Pa-
dres João Ribeiro e José Vieira.

Vindo da Povoá do Varzim está entre
nós acompanhado de sua Ex.^{ma} Família c
nosso querido amigo e ilustre official Ex.^{mo}
Sr. Tenente-Coronel Duarte do Amaral.

Encontra-se doente o nosso bom amigo
Sr. Antonio Faria Martins.

Da Povoá de Varzim regressou o hon-
rado comerciante Ex.^{mo} Sr. Antonio Sal-
gado.

Guarda o leito atacado pela gripe o
nosso bom amigo Ex.^{mo} Sr. P.^o Henrique
G. Pereira.

Encontra-se já restabelecido o ilustre
advogado e Presidente da Camara Múnci-
pal Sr. Doutor Rocha dos Santos.

No mesmo estado já se encontra,
ilustre professor Padre Gaspar Nunes.

Regressou de Vila-Verde o nosso que-
rido amigo, e erudito professor da Escola
Académica Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Sr. P.^o Antonio
Castro Moita Reis.

Aos nossos leitores

No proprio interesse de V. Ex.^{as}
indicamos a Casa Martins no
Largo do Dr. Sidónio Pais pelo
seu magnifico sortido de camisa-
ria chapelaria e gravataria.